

A black and white portrait of a Black woman, likely a historical figure, wearing a white wig and a dark coat with a white cravat. She is looking slightly to the left of the camera.

NEGROS, ESTRANGEIROS

OS ESCRAVOS LIBERTOS
E SUA VOLTA À ÁFRICA [2ª EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA]

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA

Minha iniciação à obra de Manuela Carneiro da Cunha foi através de *Negros, estrangeiros*, logo após seu lançamento em 1985. Achava então e continuo achando — e comigo um time grande de historiadores — que o livro é leitura inevitável para quem estuda vários aspectos da escravidão e, sobretudo, da liberdade numa sociedade escravista, além de se poder considerá-lo em sintonia com o conceito de história atlântica tão em voga atualmente.

A discussão que aqui se encontra a respeito de alforria enquanto um aspecto basilar da ideologia de controle senhorial, suas ideias sobre as incertezas da liberdade do africano liberto no Brasil escravista, a negação da cidadania brasileira e a consequente eliminação desse personagem do jogo político formal do Império, o retorno muitas vezes forçado de centenas deles para o outro lado do Atlântico e a construção ali de uma comunidade com personalidade própria são alguns dos temas tratados em *Negros, estrangeiros* e que seriam retomados, em muitos casos por sua influência, pela historiografia dos últimos trinta anos.

O livro de Manuela é um clássico. Ele encerra lucidez conceitual, abre novas frentes de conhecimento, influencia gerações de pesquisadores, antecipa desdobramentos de investigação, e também suscita polêmica. Além disso, como em outros trabalhos dela, encontram-se aqui a energia do engajamento político e humanístico, a repugnância à injustiça social. É também livro bom de ler, pois, ao lado da sofisticação teórica, prima pela clareza e fluidez narrativa e, de quebra, pela ironia bem dosada. Por todas essas características, *Negros, estrangeiros* pode ser sempre

MANUELA CARNEIRO DA CUNHA

Negros, estrangeiros

Os escravos libertos e sua volta à África

2ª edição revista e ampliada



A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.



Copyright © 2012 by Manuela Carneiro da Cunha

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

Fotógrafo não identificado © Fundação Pierre Verger a partir de foto pertencente à família Alokija

Preparação

Leny Cordeiro

Cronologia

Luis Felipe Kojima Hirano

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Márcia Moura

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cunha, Manuela Carneiro da
Negros, estrangeiros : os escravos libertos e sua volta à África /
Manuela Carneiro da Cunha. — 2ª ed. rev. ampl. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2055-0

1. Escravos - Emancipação - Brasil 2. Escravos libertos - Brasil -
Condições sociais 3. Etnicidade 4. Igreja católica - Missões -
Nigéria - Lagos 5. Negros - Nigéria - Lagos - Condições sociais
I. Título.

12-00855

CDD-305.560981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Negros : Escravos libertos e sua
volta à África : Condições sociais : Sociologia 305.560981

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Este livro ainda é do Marianno.

É de Elena e de Jacques.

É do Mateus e do Tiago.

Sumário

Prefácio à segunda edição — Alberto da Costa e Silva	9
--	---

INTRODUÇÕES

Introdução à segunda edição	15
Introdução à primeira edição	19
Agradecimentos da primeira e segunda edição	27

AFRICANOS LIBERTOS NO BRASIL

1. Libertos: sujeição pessoal	33
A população livre de cor.....	34
Divisões	38
Solidariedades	43
Caminhos da alforria	51
Os números diferenciais	62
A alforria é essencialmente uma questão privada	67
Alguns aspectos ideológicos da alforria	72
Os libertos no sistema escravista	77
Anuência e conflito	81

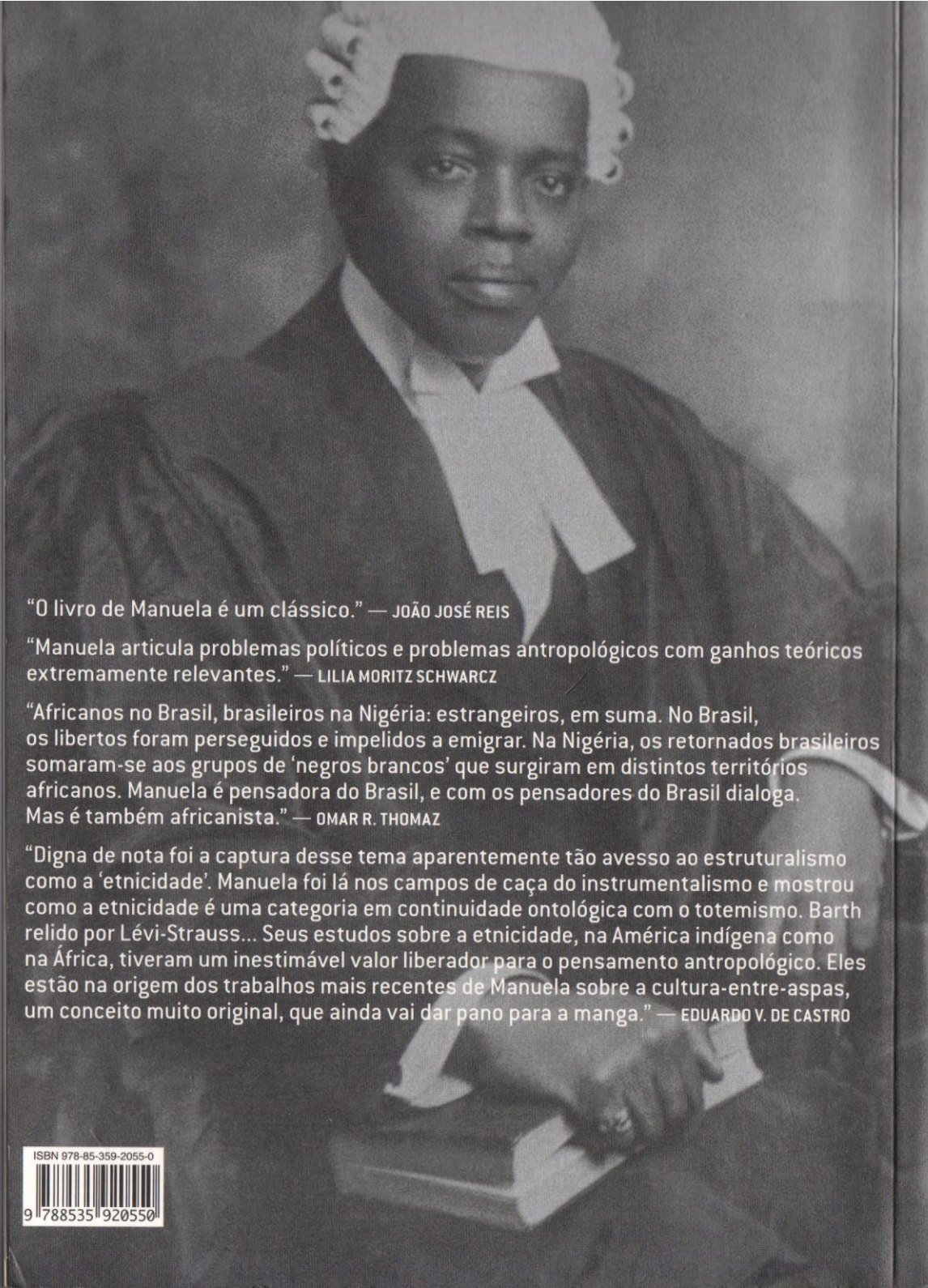
2. Libertos: sujeição política	87
Restrições legais aos libertos: segurança e mão de obra	93
Nem cidadãos nem estrangeiros: os africanos libertos	99
A homogeneidade da nação e a exclusão dos africanos	106
Negro é escravo	111
A competição pelo mercado de trabalho	114
BRASILEIROS NA ÁFRICA	
3. Brasileiros em Lagos	131
Origem étnica dos brasileiros de Lagos	131
Retornados em Lagos	137
O comércio com o Brasil	138
Importações para Lagos	145
Exportações de Lagos para o Brasil	148
O comércio “inocente”	152
Vapores e veleiros	160
Artesãos, agricultores, funcionários	164
Lugar político	169
A comunidade brasileira: opções culturais	176
Estrangeiros	185
4. Catolicismo em Lagos: o rebanho e seus pastores	187
Primórdios	187
Ortodoxia	193
Insubmissão do rebanho	197
A escola	205
Professores, catequistas, irmãos indígenas	216
O catolicismo como cacife dos brasileiros	221
Religiões universais na África Ocidental?	236
Conclusão	241
Cronologia	247
Fontes e referências bibliográficas	253
Lista de tabelas	268
Índice remissivo	269

Prefácio à segunda edição

Estrangeiros no Brasil, estrangeiros na África

Suspeito ter sido Antônio Joaquim de Macedo Soares quem, no Brasil, primeiro escreveu demoradamente sobre as comunidades de brasileiros e abra-sileirados na África Ocidental. Seu trabalho, “Portugal e Brasil na África: vestígios portugueses nas línguas do Ocidente e do Oriente da África. Colônias brasileiras na África Ocidental”, foi publicado em 1942, no volume 177 da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Só o li quase seis décadas depois, mas estava preparado para o que iria encontrar em Lagos, quando ali cheguei, nos últimos dias de setembro de 1960, pelas referências feitas por Nina Rodrigues, em *Os africanos no Brasil*, aos brasileiros que viviam no golfo do Benim, por uma série de textos sobre o tema escritos por Gilberto Freyre em 1951, para acompanhar fotografias de Pierre Verger na revista *O Cruzeiro* (reelaborados em “Acontece que são baianos...”, incluído em *Problemas brasileiros de antropologia*) e por um longo ensaio de J. F. de Almeida Prado, “A Bahia e as suas relações com o Daomé”, que consta de seu livro *O Brasil e o colonialismo europeu*, de 1956. Sabia da existência do bairro brasileiro de Lagos — o *Brazilian Quarter* —, mas foi entre surpresa e espanto que atravessei a Campos Square e caminhei pelas ruas Tokunboh, Bangbose, Kakawa e Igbose, onde se sucediam sobrados, moradas inteiras e meias-moradas que, se fossem cobertas por telhas de barro em vez de folhas de zinco, poderiam estar, com suas janelas com

ESTA OBRA FOI COMPOSTA PELA SPRESS EM DANTE E IMPRESSA EM OFSETE
PELA GEOGRÁFICA SOBRE PAPEL PÓLEN SOFT DA SUZANO PAPEL E CELULOSE
PARA A EDITORA SCHWARCZ EM JUNHO DE 2012



“O livro de Manuela é um clássico.” — JOÃO JOSÉ REIS

“Manuela articula problemas políticos e problemas antropológicos com ganhos teóricos extremamente relevantes.” — LILIA MORITZ SCHWARCZ

“Africanos no Brasil, brasileiros na Nigéria: estrangeiros, em suma. No Brasil, os libertos foram perseguidos e impelidos a emigrar. Na Nigéria, os retornados brasileiros somaram-se aos grupos de ‘negros brancos’ que surgiram em distintos territórios africanos. Manuela é pensadora do Brasil, e com os pensadores do Brasil dialoga. Mas é também africanista.” — OMAR R. THOMAZ

“Digna de nota foi a captura desse tema aparentemente tão avesso ao estruturalismo como a ‘etnicidade’. Manuela foi lá nos campos de caça do instrumentalismo e mostrou como a etnicidade é uma categoria em continuidade ontológica com o totemismo. Barth relido por Lévi-Strauss... Seus estudos sobre a etnicidade, na América indígena como na África, tiveram um inestimável valor liberador para o pensamento antropológico. Eles estão na origem dos trabalhos mais recentes de Manuela sobre a cultura-entre-aspas, um conceito muito original, que ainda vai dar pano para a manga.” — EDUARDO V. DE CASTRO

ISBN 978-85-359-2055-0



9 788535 920550